

O “PROGRESSO” E A “FALTA”: REPRESENTAÇÕES E RELAÇÕES BRASIL- PARAGUAI NO JORNAL *O GLOBO* DURANTE A CONSTRUÇÃO DA PONTE DA AMIZADE (1956-1965)

THE "PROGRESS" AND THE "LACK": REPRESENTATIONS
AND BRAZIL-PARAGUAY RELATIONS IN THE NEWSPAPER *O
GLOBO* DURING THE CONSTRUCTION OF THE FRIENDSHIP
BRIDGE (1956-1965)

Paulo Renato da Silva¹

Endereço profissional: Avenida Tarquínio Joslin dos Santos, 1000 -
Foz do Iguaçu (PR) Loteamento Universitário das Américas, CEP:
85870-650.

E-mail: paulo.silva@unila.edu.br

Waldson de Almeida Dias Júnior²

Endereço profissional: Rua Belfort Duarte, 1660, Pq Morumbi I, Foz
do Iguaçu – PR, CEP: 85858-480.

E-mail: waldson_jr@hotmail.com

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar uma história cultural da Ponte da Amizade entre Brasil e Paraguai nos anos de sua construção (1956-1965), através do jornal *O Globo*. O jornal apresentou a Ponte à opinião pública brasileira como um sinal de “modernidade”, que traria “desenvolvimento” ao país e à fronteira, assim como ao Paraguai – representações bastante diferentes das que predominam atualmente sobre a

Abstract: The goal of this article is to present a cultural history of the Friendship Bridge between Brazil and Paraguay in the years of its construction (1956-1965), through the newspaper *O Globo*. The newspaper presented the Bridge to Brazilian public opinion as a sign of "modernity" that would bring "development" to the country and the border, as well as to Paraguay – representations quite different from those that currently prevail over the

¹ Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) de Foz do Iguaçu. Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutorado pela Universidade de Évora.

² Mestre em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e professor de História da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR).

Ponte. A Ponte consolidaria a engenharia brasileira e daria ao Brasil um papel de destaque na América Latina, em especial no Cone Sul. Contudo, não foi um processo isento de tensões. O “progresso”, como elemento que suprime o que “faltaria”, estabeleceu hierarquizações entre Brasil, Paraguai, Argentina e a fronteira do lado brasileiro. Outro foco de tensões era a memória da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). A “amizade” entre Brasil e Paraguai e a luta contra o comunismo foram mobilizados para legitimar a aproximação entre os dois países e conter as tensões.

Bridge. The Bridge would consolidate Brazilian engineering and give Brazil a prominent role in Latin America, especially in the Southern Cone. However, there was a tension-free process. "Progress", as an element that suppresses what "would lack", established hierarchies between Brazil, Paraguay, Argentina and the border on the Brazilian side. Another focus of tensions was the Triple Alliance War (1864-1870) memory. The "friendship" between Brazil and Paraguay and the fight against communism were mobilized to legitimize the rapprochement between the two countries and contain tensions.

Palavras-chaves: Ponte da Amizade; Relações internacionais; Representações; Brasil; Paraguai

Keywords: Friendship Bridge; International relations; Brazil; Paraguay; representations.

Introdução

A Ponte da Amizade, localizada entre as cidades de Foz do Iguaçu no Brasil e Ciudad del Este no Paraguai, marca a fronteira entre os dois países e o cotidiano da população local e regional, além de ser transitada diariamente por milhares de “sacoleiros”³ e turistas de diversas partes do Brasil e do exterior. A ponte, cuja construção foi iniciada em 1956 pelo Brasil – país que financiou e foi responsável pela obra –, foi inaugurada simbolicamente em janeiro de 1961 pelo presidente brasileiro Juscelino Kubitschek (1956-1961) e pelo general Alfredo Stroessner (1954-1989), ditador do Paraguai.⁴ A inauguração oficial e habilitação para o trânsito de pessoas e

3 O termo se refere àqueles que compram mercadorias no Paraguai para serem revendidas no Brasil.

4 A construção da Ponte da Amizade partiu das extremidades para o centro. A inauguração simbólica da Ponte aconteceu por ocasião do fechamento do arco metálico que uniu os dois lados. Além disso, Juscelino Kubitschek estava em final de mandato e o Paraguai iniciava as comemorações dos 150 anos de sua independência. Stroessner mencionou a comemoração da data no discurso de inauguração. Cf. STROESSNER, Alfredo. Inauguración del Puente Internacional sobre el Río Paraná. 1961. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/1759_alfredo_stroessner_matiada/18606_inauguracion_del_puente_internacional_sobre_el_rio_parana_1961_discurso_de_alfredo_stroessner.html>. Acesso em: 12 fev. 2019.

veículos ocorreu em março de 1965 por Stroessner e pelo marechal Castelo Branco (1964-1967), primeiro presidente da ditadura instaurada em 1964 no Brasil.

Apesar de sua importância, existe um grande desconhecimento sobre a Ponte, sua história e seu devido peso nas relações entre Brasil e Paraguai – e Argentina. A aproximação entre Paraguai e Brasil durante a ditadura Stroessner é tema recorrente da historiografia. Porém, nessa historiografia, a Ponte costuma aparecer apenas como um exemplo dessa aproximação, dentre vários outros. Aparece sobretudo sob o aspecto econômico, como “corredor comercial” entre os dois países.

Nas últimas décadas, a Ponte é frequentemente associada ao contrabando, ao tráfico de drogas e de armas e aos assaltos que nela ocorrem, além de ter sido – e ainda ser – ilustração bastante comum de reportagens sobre o financiamento do terrorismo internacional que aconteceria na região, segundo alegam, sobretudo, os Estados Unidos.⁵ A Ponte também é usualmente lembrada pelo trânsito caótico, sujeira, poluição sonora e trabalhos informais, dentre outros pontos.⁶

Consideramos que o desconhecimento sobre a Ponte seja decorrente de pelo menos dois processos, um contemporâneo à sua construção e outro posterior. A Ponte e outras obras do governo Juscelino Kubitschek foram secundadas pela construção de Brasília, a qual recebeu maior atenção dos discursos políticos e dos meios de comunicação e se tornou um dos principais símbolos daqueles anos, senão o principal. Apesar disso, a Ponte foi destaque em momentos-chaves como a assinatura do acordo que previa a sua construção, o início das obras, o fechamento do arco metálico e as suas duas inaugurações.

O desconhecimento e o atual predomínio de representações negativas sobre a Ponte também estariam profundamente relacionados à Usina Hidrelétrica de Itaipu, entidade binacional do Brasil e Paraguai. O maior vulto econômico, material e humano envolvido na construção de Itaipu e em seu funcionamento minimizou a importância da Ponte da Amizade. Assim, a Ponte é frequente e teleologicamente inserida na “etapa inicial” do processo de aproximação entre Brasil e Paraguai durante a ditadura Stroessner, o qual atingiria o seu “apogeu” com Itaipu, construída conjuntamente pelos dois países nas décadas de 1970 e 1980. “Se há algo que marcou Foz antes da Itaipu foi a Ponte da Amizade (...)”, declarou Francisco Ferreira Mota em depoimento publicado em 1993.⁷ Francisco trabalhou transportando areia para a construção da Ponte.

As representações negativas sobre a Ponte, por sua vez, estariam bastante

5 Para uma visão crítica das alegações norte-americanas cf. SOUZA, Rafaela Cristina Silva de. As Comunidades Árabes Muçulmanas de Foz do Iguaçu no Contexto de Securitização da Tríplex Fronteira: uma perspectiva analítica da construção social de ameaças. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/2006>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

6 As representações negativas sobre a Ponte não necessariamente excluem outras representações que a tornam cenário de práticas diversas. A Ponte é, por exemplo, um espaço simbólico para a realização de protestos, não apenas pela visibilidade e pelos “transtornos” que a sua interrupção provoca, mas também pelo que representa em termos de interesses e causas em comum entre os dois países e povos, conforme ocorreu em 2012 na manifestação contra o golpe parlamentar que derrubou o presidente paraguaio Fernando Lugo. Na ocasião, a Ponte da Amizade foi fechada por movimentos sociais dos dois países.

7 Apud REVISTA ACIFI. Se há algo que marcou Foz antes da Itaipu foi a Ponte da Amizade. Revista ACIFI, Foz do Iguaçu, ed. 5, s./p., mar. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaacifi.com.br/edicao-5/se-ha-algo-que-marcou-foz-antes-da-itaipu-foi-a-ponte-da-amizade/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

relacionadas à crise provocada pelo término da construção de Itaipu, ainda que não exclusivamente. A usina foi concluída na década de 1980, a “década perdida” para a América Latina em virtude da grave crise econômica que se abateu sobre a região. O intenso fluxo migratório que tinha vindo para a construção da hidrelétrica não encontrou outras “grandes” obras que pudessem absorver a mão-de-obra disponível, o que teria colaborado para alimentar as atividades ilegais e informais que marcam a fronteira e a dinâmica da Ponte da Amizade – ainda que algumas destas atividades já estivessem presentes desde antes da própria Ponte; conforme destacaremos, um dos motivos para a sua construção foi, justamente, o combate a estas atividades.⁸

As representações atuais sobre a Ponte destoam das que marcaram o período de sua construção, quando foi apresentada à opinião pública brasileira como um sinal de “modernidade”, que traria “desenvolvimento” ao país e à fronteira – assim como ao Paraguai –, consolidaria a engenharia brasileira e daria ao Brasil um papel de destaque na América Latina, em especial no Cone Sul. Esses apelos passaram pela apropriação de um dos pilares da “modernidade” ocidental: o “progresso” como elemento que suprime o que “faltaria”, o que (re)estabeleceu hierarquizações entre Brasil, Paraguai, Argentina e a fronteira do lado brasileiro.

Não foi um processo isento de tensões. A memória da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), os problemas políticos e econômicos paraguaios e as disputas com a Argentina cercavam o processo de aproximação entre Brasil e Paraguai. O objetivo deste artigo é contribuir para uma história cultural da Ponte da Amizade, concentrando-se nos anos de sua construção. A proposta é analisar como a Ponte foi associada ao “progresso” e articulada a elementos histórico-culturais nacionais, locais (da região da fronteira) e internacionais. Além disso, as representações contemporâneas à construção da Ponte, substancialmente diferentes das consagradas atualmente por diferentes setores político-sociais, pela imprensa e outros meios, indicam a possibilidade de se apreender a relação do Brasil com o Paraguai sob outra perspectiva: apesar das grandes assimetrias políticas e econômicas que já existiam entre os dois países, o Brasil ainda precisava consolidar a sua liderança na região e a aproximação com o Paraguai era um passo decisivo para isto.⁹ Pretende-se analisar a Ponte enquanto “projeto”, cujos efeitos e resultados ainda estavam em aberto, apesar do crescente poderio econômico e político brasileiro sobre a região.

As tensões que marcaram o processo, por sua vez, permitem analisar a

8 Cardin destaca que tampouco a construção da usina absorveu o contingente que migrou para a fronteira. Entretanto, para uma compreensão adequada da questão do emprego – ou do desemprego – em Foz do Iguaçu, o autor lembra que é necessário considerar também a historicidade de região, marcada por ciclos econômicos temporários como o da extração da madeira na primeira metade do século XX. Cardin lembra, ainda, que a migração para a cidade foi alimentada por outros fatores como o turismo no Parque Nacional do Iguaçu e o próprio comércio no Paraguai e, assim, o emprego na região também dependeria de particularidades e variáveis destas atividades nos planos nacional e internacional. Cardin aponta, finalmente, que o desemprego em Foz do Iguaçu e região é potencializado pela falta de políticas públicas adequadas para a criação de novas vagas de trabalho. Cf. CARDIN, Eric Gustavo. Laranjas e Sacoleiros na Tríplice Fronteira: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

9 De acordo com Lorena Soler, apenas na década de 1980 o Brasil superou a Argentina e se tornou o principal parceiro comercial do Paraguai. Cf. SOLER, Lorena. Paraguay, la Larga Invencción del Golpe: el stronismo y el orden político paraguayo. Buenos Aires: Imago Mundi, 2012.

construção da Ponte enquanto *experiência* que, se por um lado potencializou as pretensões brasileiras sobre a região, por outro também colocou em destaque os temas da dependência e da ameaça à soberania paraguaia já no início da ditadura Stroessner, antes da crise de Sete Quedas/dos Saltos del Guairá¹⁰ e Itaipu.

O artigo é um exercício de diálogo entre História Cultural, “Nova” História Diplomática e História Conectada. Os aspectos econômicos e políticos envolvidos na construção da Ponte não podem ser desvinculados das representações que existiam sobre o Paraguai no Brasil. Não podem ser desvinculadas das representações que existiam sobre o Brasil no Paraguai. Segundo Roger Chartier, as representações se referem “(...) às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social (...)”¹¹ e “(...) são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.”¹² O autor defende que as representações “(...) têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio.”¹³ Chartier ressalta que o estudo das representações “(...) supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições [em nosso caso, como as existentes entre Brasil, Paraguai e Argentina] cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.”¹⁴ Assim, para o autor, uma das contribuições da História Cultural é dedicar “(...) atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um 'ser-percebido' constitutivo de sua identidade.”¹⁵ A construção da Ponte da Amizade, enquanto forte símbolo do cruzamento da fronteira entre os dois países, carregava consigo essas representações de si e do “outro” – sem contar a de outros agentes envolvidos – e a necessidade de reformulá-las tendo em vista os interesses econômicos e políticos específicos daquele momento – daí as tensões decorrentes. Conforme defende José Lindomar Coelho Albuquerque, a “(...) fronteira é um espaço de tensão e contradição entre o cruzador de fronteiras e o reforçador de fronteiras e *não está centrada apenas nas zonas fronteiriças próximas ao limite político* [grifos nossos].”¹⁶

Cabe relacionar essas representações às relações internacionais travadas entre os países a partir de seus respectivos Estados nacionais. A “Nova” História Diplomática

10 A região das Sete Quedas, como os saltos eram conhecidos no lado brasileiro, ou dos Saltos del Guairá, como eram chamados no lado paraguaio, era motivo de disputa desde o período colonial entre os impérios português e espanhol. As disputas continuaram após as independências de Paraguai e Brasil. Em meados do século XX ainda havia na região pendências na demarcação da fronteira entre o Brasil e o Paraguai tendo em vista o cumprimento de tratados decorrentes da Guerra da Tríplice Aliança. Entre a década de 1950 e o início dos anos 1960, estudos brasileiros para o aproveitamento energético das quedas provocaram protestos no Paraguai em virtude das pendências ainda existentes na demarcação da fronteira. Em 1965, tropas brasileiras ocuparam a região e agravaram as tensões que existiam entre os dois países. A construção conjunta da hidrelétrica de Itaipu e o consequente alagamento da área em disputa são apontados como a solução encontrada pelos dois países para o confronto fronteiriço.

11 CHARTIER, Roger. A História Cultural entre Práticas e Representações. Alêgés (Portugal): Difel, 2002. p. 17.

12 Ibidem, p. 17.

13 Ibidem, p. 17.

14 Ibidem, p. 17.

15 CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p. 73.

16 ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 160, jan.-jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a06v1531.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

questiona a plena autonomia dos Estados na definição de suas relações internacionais e procura compreender como outros elementos interferem na política externa. Em 1983, Gordon A. Craig já destacava alguns desses elementos, como a política interna dos países – em sentido amplo e em termos histórico-culturais –, a opinião pública e a “convergência ideológica”.¹⁷ Esses elementos são fundamentais para se compreender o processo de construção da Ponte da Amizade. De um lado da Ponte havia a memória dos vencedores da Guerra da Tríplice Aliança e do outro lado a memória daqueles que a tinham perdido militarmente. O revisionismo histórico paraguaio reivindicava positivamente o papel do Paraguai no confronto, enaltecia os seus governantes e exaltava a resistência do povo paraguaio às “pretensões expansionistas” da Tríplice Aliança e, em especial, do Brasil. Stroessner se apropriou do revisionismo histórico já no começo do seu governo e a aproximação com o Brasil era vista como uma contradição pelos seus opositores.¹⁸ Sobre esse poder da memória – e sobre memória e poder – recorremos a Beatriz Sarlo. Sarlo sintetiza que “(...) o passado *se faz presente*”¹⁹ e defende que um Estado ou governo podem até proibir que se fale do passado, “(...) mas só de modo aproximativo ou figurado ele é eliminado, a não ser que se eliminem todos os sujeitos que o carregam (seria esse o final enlouquecido que nem sequer a matança nazista dos judeus conseguiu ter).”²⁰ O “progresso”, a “amizade” entre Brasil e Paraguai – o que resultou no nome da Ponte – e a luta contra o comunismo na América Latina – conforme veremos a seguir – foram mobilizados para legitimar a aproximação entre os dois países, apesar da memória da guerra.

Finalmente, as representações e relações Brasil-Paraguai não podem ser desvinculadas da Argentina. A Ponte da Amizade representou para o Paraguai a oportunidade de importar e exportar os seus produtos a partir do Porto de Paranaguá, no Brasil. Assim, a Ponte possibilitou uma alternativa ao Paraguai, diminuindo a dependência em relação aos portos argentinos.²¹ A construção da Ponte representava para o Brasil a oportunidade de se fortalecer no Cone Sul perante os argentinos, pois aumentaria a influência do país sobre o Paraguai. Além disso, garantia maior presença do Estado na fronteira do lado brasileiro, região historicamente vista como mais “integrada” à Argentina e ao Paraguai do que ao próprio Brasil. As representações sobre a construção da Ponte não podem ser dissociadas das memórias sobre as disputas entre

17 CRAIG, Gordon A. The historian and the study of international relations. *The American Historical Review*, v. 88, n. 1, p. 3, 1983.

18 O revisionismo histórico paraguaio é fruto de um processo longo e complexo, que começou a se configurar no final do século XIX e ainda é muito forte no país. Resumidamente, o revisionismo histórico refuta que os primeiros governantes paraguaios tenham sido autoritários e ditadores, especialmente Carlos Antonio López e o seu filho Francisco Solano López, quem governou o país durante a Guerra da Tríplice Aliança. Contra a imagem do país “fechado”, os revisionistas defendem que o Paraguai, no século XIX, buscava um desenvolvimento “autônomo”, o que teria contrariado as pretensões argentinas/portenhas, brasileiras e inglesas. Além disso, sustentam que a ação militar do país naquela guerra, em especial contra o Brasil, visava ao equilíbrio regional e à defesa do Uruguai, invadido por tropas brasileiras.

19 SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: guinada da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 10.

20 *Ibidem*. p. 10.

21 A construção da Ponte da Amizade se insere em um projeto rodoviário mais amplo, que englobava a construção de estradas no Paraguai e no Brasil. No Brasil, o principal exemplo é a construção da atual BR-277, que liga Foz do Iguaçu a Paranaguá, no litoral paranaense. O Porto de Paranaguá se tornou porto franco paraguaio e, no Paraguai, o porto de Concepción se tornou porto franco brasileiro.

os países da região.

As disputas entre Brasil e Argentina favoreceram a ditadura Stroessner ao criarem um espaço extra para o governo paraguaio se manifestar, rebater críticos e justificar as suas opções nos planos interno e externo. Daí o cortejamento ao país feito por Brasil e Argentina, apesar da posição desfavorável do Paraguai na região em termos econômicos e políticos.²² Roger Chartier, ao discorrer sobre o processo de construção das identidades sociais, nos ajuda a compreender a posição do Paraguai em meio ao poderio argentino e brasileiro:

Uma dupla via é assim aberta: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma; a outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto, à sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade.²³

A Argentina é um elemento fundamental a ser incorporado, mas certamente não é o único. Outro ponto importante a ser considerado é a Aliança para o Progresso, que marcou a relação entre os Estados Unidos e a América Latina na década de 1960. O objetivo central da Aliança para o Progresso era “facilitar” créditos para “estimular o desenvolvimento” dos países latino-americanos e, assim, conter a expansão do comunismo na região após a Revolução Cubana. Quando os Estados Unidos lançaram a Aliança para o Progresso, a Ponte já estava em construção. Porém, a Aliança para o Progresso convergia com a Operação Pan-Americana lançada anteriormente por Juscelino Kubitschek.²⁴ Além disso, a proposta norte-americana estava em pleno vapor quando a Ponte foi oficialmente inaugurada em 1965 por Castelo Branco e Stroessner.

Serge Gruzinski considera que o historiador deve agir como um electricista para (re)aprender a ligar mundos. Assim, o processo de construção da Ponte não deve se limitar às relações Brasil-Paraguai. Nos últimos anos, Gruzinski tem insistido na necessidade de se ir além dos recortes nacionais que ainda caracterizam os estudos

22 Autores como Birch (1990) e Lezcano (1990) se referem ao conceito de “política pendular” para analisar as relações exteriores do Paraguai com Argentina e Brasil. A metáfora do pêndulo sugere a tentativa de conciliar ambos os parceiros, ora privilegiando um, ora privilegiando outro. Ao se referir à história da política externa paraguaia, Lezcano também alude a um “equilíbrio instável” entre Argentina e Brasil. Apesar da pertinência de ambos os conceitos, consideramos que podem limitar a ação da política externa paraguaia às divergências entre Argentina e Brasil. Mora (1993) frisa que as relações internacionais do Paraguai não se restringiam à Argentina e ao Brasil – o que, vale assinalar, também é feito por Birch e Lezcano nos referidos textos, ainda que de forma secundária. Segundo Mora, Stroessner tinha o objetivo de manter relações com Argentina, Brasil, Estados Unidos e Comunidade Europeia. Cf. BIRCH, Melissa H. La política pendular: política de desarrollo del Paraguay en la post-guerra. In: SIMÓN G., José Luis (Comp.). Política Exterior y Relaciones Internacionales del Paraguay Contemporáneo. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1990, p. 163-217; LEZCANO, Carlos María. Relaciones exteriores del Paraguay y percepciones de amenaza. La política pendular del régimen de Stroessner y las perspectivas de cambios después del golpe de febrero de 1989. In: SIMÓN G., José Luis (Comp.). Política Exterior y Relaciones Internacionales del Paraguay Contemporáneo. Op. cit., p. 369-389; MORA, Frank O. La Política Exterior del Paraguay (1811-1989). Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1993.

23 CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude. Op. cit., p. 73.

24 Apesar da convergência de interesses, Doratioto lembra que a proposta de Juscelino não obteve apoio dos Estados Unidos e não foi efetivamente implantada. Cf. DORATIOTO, Francisco. O Brasil no Rio da Prata (1822-1994). Brasília: FUNAG, 2014.

históricos e defende que a(s) História(s) precisa(m) ser conectada(s). Para Gruzinski, pensar a História de forma conectada também é um exercício para conter as “armadilhas do etnocentrismo”. Em sua opinião, em meio ao processo de “mundialização” em curso, uma História conectada também poderia recuperar a complexidade e a “visibilidade da disciplina histórica” em meio à perda de público e de espaço nos meios:

(...) a busca dos nexos parece estar na ordem do dia do historiador. Sanjay Subrahmanyam, notável historiador da Índia e do império português, fala de uma “história conectada” ou melhor de “histórias conectadas”, usando o plural para insistir sobre o caráter sempre plural e múltiplo das histórias e das memórias.

(...).

(...). A articulação *local/global* é questão essencial, porque oferece a maneira de elaborar um discurso histórico que (...) possa conectar os interesses e despertar as curiosidades de colegas e estudantes oriundos de distintas partes do mundo.²⁵

A imprensa é uma fonte privilegiada para análise das conexões entre política externa e opinião pública, tendo em vista a apreensão de como as identidades nacionais – próprias e alheias – são (re)afirmadas ou (re)configuradas em nome das relações internacionais em jogo e dos obstáculos e resistências que se apresentam. Conforme destaca Pablo Piccato, desde “(...) o seu modelo básico, mas particularmente no uso recente da categoria, a 'esfera pública' refere-se mais a uma *transformação política inacabada do que a uma estrutura estável* [grifos nossos].”²⁶

O jornal *O Globo* é uma fonte importante para a análise das representações e relações Brasil-Paraguai durante a construção da Ponte da Amizade, pois, por sua longevidade, permite apreender diferentes etapas da obra, os discursos que a legitimavam e as tensões que a envolviam. Publicado na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, *O Globo* foi fundado em 1925 e, no período de construção da Ponte, se consolidava dentre os principais jornais do país. Segundo Rafael Ganster, além da importância quanto ao número de exemplares vendidos, nos anos 1950 *O Globo* se destacava por inovações técnicas e editoriais, o que lhe tornava uma das principais referências do jornalismo brasileiro:

(...) nos anos 50, (...) *O Globo* é um jornal em plena trajetória ascendente (...). Sua tiragem é uma das que mais cresce no pós-guerra, atingindo a

25 GRUZINSKI, Serge. O historiador e a mundialização. Belo Horizonte: Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares, p. 11, 2007. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/ieat/wp-content/uploads/2015/06/Serge-Gruzinski-O-historiador-e-a-mundializa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

26 PICCATO, Pablo. A esfera pública na América Latina: um mapa da historiografia. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 7, n. 1, p. 10, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/308>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

média de 100 mil exemplares/dia, em 1951, e chegando a 120 mil, em 1952, voltando a cair um pouco nos anos de 1953 (100 mil) e de 1954 (110 mil) (...). De qualquer maneira, o diário de Roberto Marinho é um dos que mais se modernizam investindo em renovação do parque gráfico e (...) também em termos editoriais, embora não esteja entre os jornais pioneiros na introdução do modelo de jornalismo norte-americano.²⁷

A escolha de *O Globo* também se justifica, pois, a despeito dos diferentes posicionamentos políticos que manteve com os presidentes brasileiros Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros (1961), João Goulart (1961-1964) e Castelo Branco durante a construção da Ponte, o jornal não se manifestou contrário ao empreendimento, ainda que tenha feito críticas pontuais a alguns aspectos da construção e ao descaso do Estado brasileiro com a região da fronteira. Acreditamos que *O Globo* permita, assim, detectar continuidades no plano da política externa brasileira em relação ao Paraguai, apesar da guinada política que o Brasil sofreu no período com o golpe de 1964, o qual foi apoiado pelo jornal. Apesar da oposição feita a Juscelino Kubitschek, *O Globo* deu expressivo espaço à construção da Ponte durante o seu mandato.²⁸ O tema foi pouco abordado no governo de Jânio Quadros, tanto por sua brevidade como pelo distanciamento que o jornal estabeleceu com o presidente, apesar de tê-lo apoiado inicialmente – Jânio era da conservadora UDN (União Democrática Nacional).²⁹ No mandato de João Goulart, a Ponte também foi pouco abordada pel'*O Globo*, pois as atenções passaram a ser divididas com o tema do aproveitamento conjunto do Rio Paraná pelo Brasil e Paraguai visando à produção de energia elétrica. Além disso, a pauta da imprensa passou a ser dominada pela crise política que levou ao golpe de 1964 contra Goulart. Com Castelo Branco a Ponte voltou a ter destaque pela maior “convergência ideológica” do jornal com a ditadura e em virtude da inauguração oficial.

A posição favorável do jornal em relação à Ponte também pode ser compreendida a partir de fatores econômicos. Conforme aponta Pedro Henrique Pedreira Campos, havia relações cada vez mais estreitas entre imprensa e empreiteiras no período.³⁰ Além disso, Ana Paula Goulart Ribeiro destaca que, a partir da década de 1950, os jornais brasileiros passaram a faturar mais com publicidade, o que indica o seu peso junto à opinião pública e suas vinculações com comerciantes e empresários, o que ajudaria a

27 GANSTER, Rafael. *Industrialização e imprensa: o debate acerca da indústria automobilística durante o governo JK (1956-1961)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2017, p. 45. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7380/2/DIS_RAFAEL_GANSTER_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

28 A oposição a Juscelino Kubitschek em *O Globo* esteve pautada em três pontos. O jornal defendia o alinhamento com o FMI, com o qual o presidente chegou a romper relações. Além disso, se por um lado *O Globo* deu vazão ao entusiasmo gerado pela construção de Brasília, por outro responsabilizou o empreendimento pelo crescimento da inflação. Finalmente, o jornal criticou a criação do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), no qual enxergava um foco comunista. Cf. LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. *O Globo*. s./p. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>>. Acesso em: 8 abr. 2019.

29 *O Globo* criticou sobretudo a política externa “independente” de Jânio Quadros, marcada pela condecoração de Che Guevara e pelo restabelecimento de relações diplomáticas com os países socialistas. Cf. LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. *O Globo*. Op. cit., s./p.

30 CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *Empreiteiros e imprensa: a atuação dos empresários da construção pesada junto aos veículos de comunicação antes e durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1988)*. *Revista de História*, São Paulo, n. 177, p. 1-22, 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128512/139717>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

compreender o otimismo d'O *Globo* com as atividades econômicas que seriam favorecidas pela aproximação entre Brasil e Paraguai; o que ajudaria a compreender, ainda, a forma como o jornal ignorou ou minimizou as críticas que existiam à aproximação entre os dois países.³¹

O artigo está estruturado a partir de um eixo central, a relação entre “falta” e “progresso”, e se desdobra em temas correlatos. Um dos principais aspectos das relações e representações Brasil-Paraguai em *O Globo* durante as obras da Ponte da Amizade foi a construção do Paraguai como um espaço “vazio”, marcado pela “falta”, o que seria superado pelo “progresso” que a Ponte proporcionaria – juntamente com os outros acordos estabelecidos com o Brasil. Entretanto, essa versão era questionada pela oposição no Paraguai e autoridades da ditadura Stroessner usaram *O Globo* como veículo para contrapor imagens alternativas à da “falta” associada ao país. Em seguida destacaremos como as representações sobre a fronteira do lado brasileiro guardavam semelhanças com aquelas que o jornal projetava sobre o Paraguai no que se refere à “falta”. Nessas representações sobre a fronteira do lado brasileiro é possível apreender as disputas com a Argentina, pois o Brasil finalmente teria a oportunidade de integrar efetivamente Foz do Iguaçu e região ao território nacional. No ponto seguinte veremos como o apelo ao “progresso” que envolvia a construção da Ponte se inseria na longa história da “modernidade” ocidental ao atualizar na fronteira a valorização do homem e da ciência – representada pelas técnicas empregadas na construção da Ponte – frente à natureza, o que dotaria a região de uma temporalidade “mais rápida”. Finalmente, em meio à Guerra Fria em curso e em virtude do posicionamento d'O *Globo* favorável aos Estados Unidos e à ditadura de 1964, o “progresso” era considerado um elemento imprescindível na luta contra o comunismo e a construção da Ponte foi vista como um sinal de “prosperidade cristã” da região.³²

31 “Na edição de 12/4/1956, O Globo declarou, na primeira página, que os anúncios em um ano contribuíram para os seus cofres com 92 milhões de cruzeiros (920% a mais do que em 1949). Em 1957, o jornal faturou cerca de 212 milhões de cruzeiros em publicidade, superando muito o volume de 1956, que foi de 141 milhões (PN, 06/2/1958).” RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Clientelismo, corrupção e publicidade: como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950? INTERCOM - XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Campo Grande. p. 12. Disponível em: <<http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/GOULART%20AP.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2019.

32 As reportagens foram pesquisadas no acervo digital d'O Globo (<https://acervo.oglobo.globo.com/>), cujo acesso é irrestrito apenas para assinantes. No site é possível realizar a busca de dois modos: por datas e/ou palavras-chaves. Inicialmente pesquisamos por palavras-chaves genéricas como “Ponte da Amizade” e “Paraná”, o que trazia poucos resultados no que diz respeito ao número de reportagens. A análise dessas primeiras reportagens e da bibliografia permitiu variar as palavras-chaves, pois Ponte da Amizade foi o nome dado apenas no final da construção e, por isto, a busca por “Ponte da Amizade” não dava muitos resultados. Além disso, como diz Roger Chartier, foi necessário “escutar os mortos com os olhos” e pensar em termos que tivessem sido usados em cada período da obra – CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. Estudos Avançados, São Paulo, v. 24, n. 69, 2010. p. 7. Assim, foi possível refinar a busca a partir de combinações de palavras-chaves como “Ponte Internacional” e “Paraguai”, o que permitiu aumentar a quantidade de reportagens.

Paraguai, “progresso” e “falta”

(...) pretendemos dar cruzeiros inicialmente ao Paraguai, fomentar-lhe a indústria e criar-lhe nova consciência de trabalho, para que depois êle possa, apurada sua capacidade de produção e desenvolvidas suas atividades, ser realmente interessante para o nosso País, do ponto de vista comercial, com a aquisição de nossos produtos manufaturados ou nossa matéria-prima para transformar em suas fábricas.

José Carlos de Macedo Soares³³

Conforme noticiado em *O Globo* em 12 de novembro de 1956, o chanceler brasileiro José Carlos Macedo Soares se reuniu com representantes das “classes produtoras” no Palácio dos Campos Elíseos, então sede do governo do Estado de São Paulo. A reunião contou com a participação de Jânio Quadros, governador paulista e futuro presidente do Brasil, e tinha o objetivo de dar informações a empresários sobre os tratados comerciais entre Brasil e Paraguai. Na reunião, o chanceler expressou que o Brasil *daria* cruzeiros ao Paraguai para que a indústria se desenvolvesse naquele país e criasse *nova* consciência de trabalho. A reunião parece ter sido marcada pela desconfiança das “classes produtoras”. Nas palavras do chanceler, “Pequeno e paupérrimo, soa a paradoxo afirmar que o Paraguai, como mercado exportador e importador, possa representar algo de interêsse, no momento, para o Brasil.”³⁴ Rodovias no Paraguai e no Brasil e a ligação entre elas pela Ponte são apresentadas como “parte do plano de cooperação mútua”. Na reunião também foi abordado o tema da produção de energia elétrica, o qual dominaria a pauta entre os dois países nos anos seguintes. “Ainda para *maior e mais rápido* levantamento econômico do Paraguai, pretende-se dotá-lo, *com nosso auxílio*, de sistema hidrelétrico que (...) permitirá *rápido* incremento da industrialização no país vizinho [grifos nossos].”³⁵

A fala do chanceler é indicativa de uma das principais características que marcam – e polemizam – a relação entre os dois países: o Paraguai é colocado sob a “tutela” do Brasil para se “desenvolver”. A tutela, se por um lado sugere uma ação para tornar o “outro” um igual, por outro cria uma hierarquia na qual o que tutela dita os rumos que deveriam ser seguidos pelo tutelado.³⁶ Macedo de Soares é explícito ao

33 Apud O GLOBO. Fazer do Paraguai um grande mercado dos nossos produtos. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 17, 12 nov. 1956.

34 *Ibidem*, p. 17.

35 *Ibidem*, p. 17.

36 Silva lembra que o presidente paraguaio Horácio Cartes (2013-2018), em reunião com empresários brasileiros, pronunciou uma frase que provocou polêmica no Paraguai – e fora dele –: “Usem e abusem do Paraguai, porque é um momento importante de oportunidades [grifos nossos].” O autor também destaca que, para Cartes, os brasiguaios – brasileiros que migraram para o Paraguai – teriam “ensinado” os paraguaios a plantarem, em uma referência à “modernização” que teriam empreendido no campo do país. Vale acrescentar que, no Brasil, a imagem da “tutela” sobre o Paraguai também continua bastante presente. Em 2010, o governo do presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011) fez uma proposta para aumentar o valor que o Brasil pagava pela energia de Itaipu cedida pelo Paraguai, o que foi criticado como uma “filantropia” por José Serra, candidato de oposição à presidência. Apesar das críticas, o valor pago pela energia foi aumentado naquela ocasião. Cf. SILVA, Paulo Renato da. Solo los puentes son nuevos. In: SOLER, Lorena; CARBONE, Rocco (Comp.). Des-Cartes: estampas de la derecha en Paraguay. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2015, p. 155-169.

explicar que as ações no Paraguai tinham o objetivo de tornar o país “realmente interessante” para o Brasil. A tutela pressupõe que “falta” algo³⁷, que existe um “vazio” a ser preenchido.³⁸ Pressupõe que há um desequilíbrio de temporalidades, entre uma “rápida” e outra “lenta”, o que caberia equilibrar.

A opinião do chanceler convergia com o que era difundido por *O Globo*. Um mês antes, em reportagem sobre a celebração do início das obras da Ponte – a qual contou com a presença de Juscelino Kubitschek e Stroessner –, o jornalista Alberto Homsí destaca que a festa “(...) foi mais dos guaranis do que nossa.”³⁹ Refere-se aos paraguaios como uma “gente humilde”, que teria percorrido “(...) as ruas poeirentas desta cidade [Foz do Iguaçu] cantando lindas canções guaranis e dando vivas ao Brasil e ao Paraguai”.⁴⁰

Em nova reportagem sobre a Ponte, publicada em março de 1960, Homsí volta a apresentar a Ponte como um “presente” do Brasil para o Paraguai. “Os paraguaios sabem que construímos a ponte mais para eles, e por isso crescemos na sua admiração.”⁴¹ Os paraguaios retribuiriam “cuidando” da Ponte: “Procuram retribuir oferecendo trabalho e dedicação que vai ao ponto de se revezarem espontaneamente no policiamento do outro lado da ponte.”⁴² A Ponte não seria o único elemento a ser retribuído. De acordo com Homsí, “A Comissão [responsável pela construção da Ponte] tem dado prioridade ao trabalhador paraguaio que ali chega e o cerca de toda uma assistência social bem montada.”⁴³ Homsí ainda relata um episódio que seria representativo do “espírito da ponte” e da relação ali estabelecida entre paraguaios e brasileiros. Um operário paraguaio teria se arriscado para salvar a vida de um operário brasileiro que teria caído nas águas do Rio Paraná:

(...) um operário paraguaio valentemente se atirou à água e mergulhou seguidas vezes até encontrar o homem. Com êle seguro, venceu nada menos de quatro redemoinhos, afundando por vezes. Finalmente chegou à margem, quinze minutos depois de uma luta titânica contra a morte. Êsse episódio selou ainda mais o espírito de união que preside as relações

37 Silva aponta como essa perspectiva da “falta” também estava presente no discurso da ditadura Stroessner e teria sido usada para legitimar a aproximação com o Brasil, o que traria “progresso” para o Paraguai. O autor aponta, ainda, como essa perspectiva foi reproduzida, sob distintos matizes, pela historiografia sobre a ditadura paraguaia. Cf. SILVA, Paulo Renato da. Uma historiografia sobre a “falta”: a ditadura do general Alfredo Stroessner no Paraguai (1954-1989). *Revista de História*, São Paulo, n. 177, p. 1-30, 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127742/149347>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

38 José Alves de Freitas Neto, ao analisar a literatura argentina do século XIX, aponta que um “vazio” alimentava o projeto de nação dos liberais. Esse “vazio” era fruto da diferença entre o que os liberais viviam na Argentina e o legado francês que sonhavam para o país. O interior era visto como um “mundo inacabado”, marcado pela solidão, o que ignorava e excluía as sociedades indígenas e camponesas ali existentes. Cf. FREITAS NETO, José Alves. A formação da nação e o vazio da narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 169, p. 159-173, abr.-jun. 2007.

39 HOMSI, Alberto. Atuam todos os povos da América como membros de uma só família. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 6, 8 out. 1956. Em *O Globo*, Alberto Homsí acompanhou obras do governo Juscelino Kubitschek em diferentes Estados do país. HOMSI, Alberto. Uma ponte em pleno sertão liga Mato Grosso a Goiás. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 5, 7 jan. 1958; HOMSI, Alberto. Surto de progresso e civilização para cidades de Minas e E. Santo com as obras da Vale do Rio Doce. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 2, 11 abr. 1959.

40 HOMSI, Alberto. Atuam todos os povos da América como membros de uma só família. *Op. cit.*, p. 6.

41 HOMSI, Alberto. Determinação e heroísmo na construção da ponte entre Brasil e Paraguai. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 21, 7 mar. 1960.

42 *Ibidem*, p. 21.

43 *Ibidem*, p. 21. Apesar de exaltar a assistência social dada aos trabalhadores paraguaios, Homsí critica a burocracia dos ministérios da Fazenda e do Trabalho, os quais fariam exigências que não caberiam na região onde a Ponte estava sendo construída.

entre brasileiros e paraguaios, naquela língua [sic] fronteira.⁴⁴

No Paraguai havia fortes questionamentos à aproximação com o Brasil. As representações sobre a Ponte da Amizade em *O Globo* também devem ser compreendidas a partir desses questionamentos. No jornal, a “amizade” do Brasil não pode ser restrita à opinião pública brasileira – ou a setores dela – no que se refere à necessidade de convencê-la quanto à pertinência dos investimentos feitos na Ponte. A “amizade” também precisava ser construída do lado paraguaio, sobretudo em virtude da memória da Guerra da Tríplice Aliança. O próprio nome da Ponte indica que se tratou de um longo processo, pois antes de se consolidar como Ponte da Amizade vemos em *O Globo* as denominações “Ponte sobre o Rio Paraná” e “Ponte Brasil-Paraguai”. Quando a Guerra da Tríplice Aliança é citada nas reportagens sobre a Ponte, há um esforço em tratá-la como um “episódio isolado”, como fez o senador Bezerra Neto em discurso pronunciado em 1965 no Senado brasileiro.⁴⁵ Outra imagem recorrente é a guerra como episódio “superado”. Em 1965, em banquete oferecido ao chanceler paraguaio, o chanceler brasileiro Vasco Leitão da Cunha saudou a participação conjunta de soldados dos dois países na República Dominicana com o objetivo de combater a “subversão” naquele país, o que indica que a luta contra o comunismo foi uma das estratégias de aproximação entre Brasil e Paraguai. O discurso do chanceler brasileiro foi reproduzido em *O Globo*: “Há cem anos uma tragédia envolveu nossos países, tragédia que nunca mais se repetirá. Hoje, soldados brasileiros e paraguaios integram uma força de paz na República Dominicana (...).”⁴⁶ O peso da memória da guerra pode ser apreendido em reportagem de Esaú de Carvalho que previa a inauguração da Ponte para 1965. Na reportagem, Carvalho reproduz discurso do Ministro paraguaio Jorge Bernardino Gorostiaga, o qual procura conciliar a memória da guerra – nos moldes do revisionismo histórico – e a aproximação com o Brasil. O discurso supõe uma ação “reparadora” do Brasil, uma espécie de *mea culpa*: “O Brasil (...), depois da cruenta guerra de cinco anos entre irmãos, em que fomos quase totalmente exterminados, concorreu com atos de cordialidade fraternal para curar nossas profundas feridas e reanimar nosso mutilado corpo.”⁴⁷ A mesma reportagem destaca que o Ministro da Educação e Cultura do Brasil, Flávio Suplicy de Lacerda, tinha depositado flores para Solano López durante visita a Asunción.⁴⁸

44 Ibidem, p. 21.

45 O GLOBO. Vice-líder da UDN defende a polícia da Guanabara no episódio dos intelectuais. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 8, 27 mar. 1965.

46 Apud O GLOBO. Os chanceleres do Paraguai e do Brasil reforçam ação pela liberdade na América. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 12, 15 jul. 1965. Em 1965, um levante tentou restabelecer o governo de Juan Bosch, que tinha tido políticas à esquerda e foi derrubado em 1963 poucos meses depois de assumir a presidência. Os Estados Unidos invadiram a República Dominicana para conter o levante e a Organização dos Estados Americanos (OEA) formou a Força Interamericana de Paz (FIP) com o mesmo objetivo. Brasil e Paraguai participaram da FIP.

47 Apud CARVALHO, Esaú de. Castelo Branco inaugurará em 1965 a Ponte Brasil-Paraguai. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 19, 9 set. 1964.

48 Esaú de Carvalho tinha experiência em países vizinhos. Em 1957, por exemplo, cobriu o Festival Latino-Americano de Música em Montevideu – CARVALHO, Esaú de. Uruguai venceu o Festival Latino-Americano de Música. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 12, 21 out. 1957. Além disso, uma nota de 18 de julho de 1959 publicada em *O Globo* indica o alinhamento de Esaú de Carvalho com a linha editorial do jornal. A nota destaca que o vereador Arnaldo Pais de Andrade, de Recife, apresentaria um requerimento para que a Câmara Municipal agradecesse a Esaú de Carvalho por suas reportagens sobre as Ligas Camponesas. Nas palavras do vereador, “As reportagens do Sr. Esaú de Carvalho (...) primam pela exatidão das informações e situaram bem a posição extremista daquelas

Em 1962, Arturo Bordón, de trajetória liberal, publica *Verdades del Barquero*. No capítulo IV, *Puentes y Caminos*, o autor mostra a existência de uma disputa entre os colorados no poder e os liberais na oposição em torno do pioneirismo na construção de estradas e pontes no país. Bordón defende que os governantes liberais que marcaram a primeira metade do século XX teriam contribuído decisivamente para romper o “isolamento” do Paraguai e sua mediterraneidade. Segundo Bordón, ao contrário do que ocorreria com Stroessner, sob os governos liberais tudo teria sido feito “(...) sin ayuda extranjera, sin hipotecar el país, sin gravar a las generaciones venideras, sin intervención foránea, y, sobre todo, sin descuidar la defensa nacional.”⁴⁹ Bordón faz críticas explícitas ao Brasil e aos Estados Unidos. O autor insere o tema das estradas e pontes na longa história de confrontos entre Paraguai e Brasil e evoca a figura do bandeirante para representar os interesses brasileiros no país.⁵⁰ Bordón representa o governo Stroessner como uma “manceba guarani” que teria se submetido ao “bandeirante” e ironiza as vantagens que o Paraguai teria ao se aproximar do Brasil. Sem citar nomes, Bordón reproduz trecho de uma carta de um industrial paraguaio a um estadista compatriota que viveria – exilado? – no Rio de Janeiro: “Lo único que puedo asegurarle es que los caminos no se hacen para que le enviemos nuestra madera o nuestras naranjas o la escasa yerba de nuestros (...) montes.”⁵¹

Especificamente sobre a Ponte da Amizade, Bordón destaca que representaria uma ameaça à soberania do Paraguai, pois permitiria ao Brasil ter o direito à cabeceira da ponte no território paraguaio. Para embasar a sua denúncia, usa uma fonte brasileira e reproduz trecho de artigo da “prestigiosa *Revista Brasileira Bimestral*” intitulado *Entre o Brasil e o Paraguai os imperialistas*, o qual teria sido publicado em 1960. Sobre o convênio para a construção da Ponte, o artigo teria destacado que “(...) con el fin alegado de favorecer el comercio entre las dos naciones, tine [sic] concedido al Brasil (...) el derecho de tener una cabecera del referido puente en pleno territorio paraguayo, sin límites precisos o determinados...”⁵². O autor destaca, ainda, a posição da própria dissidência colorada e cita publicação do Movimento Popular Colorado (MOPOCO) na qual são feitas críticas à Ponte e à aproximação com o Brasil. A publicação também faz referência ao direito que o Exército brasileiro teria de defender a “integridade” da Ponte em caso de “ameaça”: “Esto significa (...) colocarse en la posición de país satélite y aceptar el tutelaje de una potencia extraña para proteger lo que es nuestro y está dentro de nuestro territorio”.⁵³

organizações orientadas pelo Deputado Francisco Julião. É meu propósito congratular-me com o Sr. Roberto Marinho e com o repórter Esaú de Carvalho, por esse excelente trabalho jornalístico e, sobretudo, patriótico.” O GLOBO. As Ligas Camponesas. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 18 jul. 1959.

49 BORDÓN, Arturo. *Verdades del Barquero*. Asunción: 1962. t. I, p. 114.

50 As incursões dos bandeirantes por territórios pertencentes à coroa espanhola serviram de paralelo para ilustrar o “expansionismo” brasileiro sobre o Paraguai, o que estabelecia uma continuidade entre o período colonial e o da independência política dos dois países.

51 Apud BORDÓN, Arturo. *Verdades del Barquero*. Op. cit., p. 124.

52 Apud BORDÓN, Arturo. *Verdades del Barquero*. Op. cit., p. 125.

53 Apud BORDÓN, Arturo. *Verdades del Barquero*. Op. cit., p. 125. Um dos pontos do tratado de Itaipu, assinado em 1973, suscitaria preocupação semelhante no Paraguai, conforme se observa nos debates parlamentários sobre o tratado reproduzidos por Gamón. O deputado opositor Carlos Alberto Gonzalez, do

As pressões da oposição paraguaia forçaram a ditadura Stroessner e o governo brasileiro a se manifestarem sobre a memória da guerra e sobre pontos específicos da aproximação entre os dois países. Quanto aos temores de Bordón e do MOPOCO quanto à soberania paraguaia na Ponte, reportagem de *O Globo* de 22 de janeiro de 1964 indica que autoridades paraguaias e brasileiras procuraram “desmilitarizar” a obra diante da opinião pública:

No que se refere à segurança militar, o representante do Ministério da Guerra ao grupo de trabalho recomendou que não sejam considerados como problema de segurança militar os assuntos relacionados com o uso da ponte, e que os problemas de vigilância, manutenção e segurança estrutural não devem ter significado militar.⁵⁴

No aspecto econômico também se nota a preocupação em oferecer uma imagem alternativa à da “tutela” expressa pelo chanceler José Carlos de Macedo Soares. Contrapondo-se às críticas quanto à dependência em relação ao Brasil, autoridades da ditadura Stroessner relacionavam a Ponte e a aproximação com o Brasil à consolidação da independência política e econômica, pois o país poderia respirar com “dois pulmões” – metáfora repetida diversas vezes em *O Globo* – ao ter acesso ao porto de Paranaguá no Brasil e, assim, não depender mais exclusivamente dos portos argentinos. Não casualmente a inauguração simbólica da Ponte em 1961 coincidiu com os 150 anos da independência paraguaia. Sapena Pastor, ao deixar a Embaixada do Paraguai no Brasil para assumir o Ministério das Relações Exteriores do Paraguai, defendeu que o “(...) Brasil nos deu 'uma janela sôbre o Atlântico' em Paranaguá, completando nossa independência política e nossa independência econômica, e praticamente, nada exigiu, em uma demonstração inequívoca de amizade.”⁵⁵ Em 1965, próximo à inauguração oficial da Ponte, Sapena Pastor ressalta que a obra aproximava o Paraguai não apenas do Brasil, mas também da Europa e dos Estados Unidos. “(...) não somente nosso intercâmbio com o Brasil será incrementado, como também (...) com os Estados Unidos e a Europa (...) pelo encurtamento das distâncias”.⁵⁶

Stroessner recorre a uma imagem interessante para questionar o Paraguai como um país “pobre”. Em cerimônia na qual declarou que o povo paraguaio teria “reconhecimento” e “afeto” pelo Brasil, Stroessner diz que “Muitos ainda não conhecem as nossas riquezas. É que não fazemos propaganda no exterior, preferindo canalizar tais recursos para o incremento da exploração do que possuímos.”⁵⁷ Assim, sugere a

Partido Liberal Radical, alega que o artigo XVIII, ao facultar ao Brasil e ao Paraguai a adoção de “atos unilaterais” em matéria “de polícia e de segurança”, deixaria vulnerável a soberania paraguaia em virtude do maior poderio brasileiro. Apud GAMÓN, Efraín Enríquez. Itaipú: aguas que valen oro. Argentina: 1975, p. 323.

54 O GLOBO. Pronta em dezembro a Ponte Brasil-Paraguai. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 22, 22 jun. 1964.

55 Apud O GLOBO. Importantes convênios estreitaram mais as relações Paraguai-Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 6, 29 mai. 1956.

56 Apud O GLOBO. Brasil e Paraguai preparam atos para assinar durante a visita de Sapena Pastor. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 6, 23 fev. 1965.

57 Apud O GLOBO. “Nossos corações se enchem de reconhecimento e afeto quando pensamos no Brasil”. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 6, 7 set. 1957.

possibilidade de haver um maior equilíbrio – ou menor desequilíbrio – econômico entre o Paraguai e o Brasil. Porém, o “conhecimento” dessas riquezas dependeria do Brasil. “Sôbre a exploração do petróleo no Chaco [região ao norte do Paraguai], afirmou [Stroessner] que '(...) a ajuda do Brasil, direta ou indireta, será de grande valor para o desenvolvimento dos recursos naturais da região’.”⁵⁸

O equilíbrio entre as imagens da dependência paraguaia e da “amizade” brasileira foi de difícil equação – e ainda o é. No dia da inauguração oficial da Ponte, editorial de *O Globo* destacava: “Não temos pretensões de hegemonia, não nos animam planos de expansão, nada queremos impor aos nossos vizinhos.”⁵⁹ Contudo, reportagem de dois dias antes expressava claramente que, “Para o Brasil, a “Ponte da Amizade” significa: (...) afirmação da presença brasileira como *grande potência* com ideais pan-americanistas (...) [grifo nosso]” e associava este ponto ao “(...) acesso (...) aos centros de consumo paraguaios (...)”.⁶⁰

A fronteira do lado brasileiro em *O Globo*

José Lindomar Coelho Albuquerque aponta que, em inglês, existe uma diferença entre os termos *border* e *frontier* para designar “fronteira”. Enquanto *border* designa a fronteira político-administrativa, *frontier* se refere a uma faixa de transição entre “(...) um espaço geográfico ocupado de maneira estável e contínua por uma sociedade nacional (...)”⁶¹ e outro que estaria “livre” e sobre o qual esta sociedade projetaria ideias “(...) de expansão, de conquista, de movimento constante”.⁶² As representações sobre o local da Ponte carregam esses dois sentidos apresentados por Albuquerque. O jornalista Alberto Homsí endossa a “falta” que marcaria o Paraguai, “para quem os brasileiros teriam construído a Ponte”, mas suas representações sobre Foz do Iguaçu e a fronteira do lado brasileiro apresentam semelhanças com aquelas projetadas sobre o país vizinho. “Quando ali [Foz do Iguaçu] chegaram os homens da comissão [da construção da Ponte] era difícil até arranjar cavalos para alugar. Hoje, vinte táxis prestam serviços à população e aos turistas.”⁶³ Na mesma reportagem, o jornalista expressa ainda que a cidade estaria “(...) despertando de seu *prolongado sono* [grifos nossos] (...)”⁶⁴ e que as “lutas políticas” teriam “arrefecido um pouco”⁶⁵, estabelecendo uma relação entre “progresso” e “estabilidade” política. Para citar mais um exemplo das representações sobre a fronteira do lado brasileiro, vale lembrar que, na reportagem sobre o início da

58 Ibidem, p. 6.

59 O GLOBO. A Ponte da Amizade. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 mar. 1965.

60 O GLOBO. O Brasil e o Paraguai se unirão sábado pela “Ponte da Amizade”. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 21, 25 mar. 1965.

61 ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. Op. cit., p. 160.

62 Ibidem, p. 160.

63 HOMSI, Alberto. Determinação e heroísmo na construção da ponte entre Brasil e Paraguai. Op. cit., p. 21.

64 Ibidem, p. 21.

65 Ibidem, p. 21.

construção da Ponte, Homsí se refere à Foz do Iguaçu como uma cidade de “ruas poeirentas”.

Outro exemplo das representações sobre o lado brasileiro da fronteira encontramos no artigo *A ponte sobre o rio Paraná*, do jornalista Brasil Vianna, publicado em 9 de outubro de 1956.⁶⁶ O jornalista não apresenta o otimismo de Homsí com a Ponte. Vianna destaca o isolamento da cidade de Foz do Iguaçu e as promessas incumpridas por sucessivos governos de integrá-la efetivamente ao território nacional. O jornalista faz referência inclusive à rodovia Foz do Iguaçu-Paranaguá, que seria ligada ao lado paraguaio pela Ponte da Amizade:

O abastecimento de Foz do Iguaçu em certas épocas, pela falta de vias de comunicação é quase nulo. (...).

Os habitantes da margem do Paraná já devem estar descrentes de promessas (...). (...).

É preciso que não aconteça com a ponte internacional, que ligará o Brasil ao Paraguai, o mesmo que sucedeu com o Hotel do Parque, ou com a rodovia Foz do Iguaçu-Paranaguá. (...).⁶⁷

O “isolamento” da região, na fronteira com a Argentina e o Paraguai, embasou os projetos que visaram à colonização da área, especialmente a partir do final do século XIX.⁶⁸ As incursões de argentinos e paraguaios no território brasileiro e em especial o contrabando eram vistos como ameaças à soberania nacional. Caberia garantir – e explorar – as “riquezas” da região. A criação do Parque Nacional do Iguaçu, na década de 1930, é um exemplo das tentativas de o Brasil efetivar o controle sobre a área. Sobre o citado desabastecimento de Foz do Iguaçu, Vianna aponta que este era amenizado por “(...) 'Las Hormigas' – denominação dada pelos argentinos ao melancólico desfile da população brasileira, diante da gendarmaria do País amigo, em busca dos gêneros de primeira necessidade (...).”⁶⁹ A exemplo do que preocupava desde o final do século XIX, a cidade continuaria mais “integrada” à Argentina e ao Paraguai do que ao restante do Brasil. Se por um lado a Argentina é tratada como um país “amigo” pelo jornalista, outro exemplo indica mais claramente que a “amizade” não excluía manifestações que colocariam o “orgulho” nacional em xeque. A respeito da demora para concluir o “Hotel

66 Brasil Vianna tinha experiência em temas relacionados às fronteiras brasileiras. No mesmo ano de 1956 coordenou a edição da revista *Ilustração Brasileira* (ano XLVII, número 242, maio-junho de 1956) dedicada à cidade de Santana do Livramento, localizada na fronteira com o Uruguai. Deise das Graças Rizzo inicia *Saneamento e Sertão: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná* citando uma reportagem de Brasil Vianna publicada em *O Globo* em 20 de outubro de 1949 – portanto, anterior à construção da Ponte –, no qual relata uma visita ao oeste paranaense. Na reportagem, Vianna já denunciava o “abandono” da região, a exemplo do que faz na reportagem de 1956 – RIZZO, Deise das Graças. *Saneamento e Sertão: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná*. Guarapuava: Unicentro, 2012. p. 17. Assim, n’*O Globo*, ao lado de Alberto Homsí – que cobriu outras obras do governo Juscelino Kubitschek –, Brasil Vianna seria outra “voz autorizada” a falar sobre a Ponte da Amizade.

67 VIANNA, Brasil. *A ponte sobre o Rio Paraná*. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 9, 9 out. 1956. Em 1965, a Ponte da Amizade foi oficialmente inaugurada antes da conclusão definitiva da rodovia entre Foz do Iguaçu e Paranaguá. A rodovia foi inaugurada em 1969.

68 Sobre a fundação e colonização de Foz do Iguaçu cf. MYSKIW, Antonio Marcos. *A Fronteira como Destino de Viagem: a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888-1907)*. Guarapuava: Unicentro; Niterói: UFF, 2011.

69 VIANNA, Brasil. *A ponte sobre o Rio Paraná*. Op. cit., p. 9.

do Parque Nacional do Iguaçu”, no lado brasileiro, Vianna expressa que:

O abandono das obras ali iniciadas já foi objeto de chacota, por parte de freqüentadores do Hotel de Las Cataratas, na margem argentina, de cujas varandas podia-se admirar as obras inacabadas do Hotel do Parque Nacional do Iguaçu, as quais eram denominadas “Las ruinas de los Incas”.⁷⁰

Assim, as representações sobre a fronteira do lado brasileiro em *O Globo* são marcadas por uma continuidade com aquelas que embasaram a colonização da área desde o final do século XIX. Se por um lado as representações sobre a Ponte são pautadas pela “amizade”, nota-se que estas representações não excluem o reforço da identidade nacional e a defesa de que seria necessário garantir o domínio brasileiro sobre a região. Na citada reunião realizada no Palácio dos Campos Elíseos, o contrabando é mencionado pelo Ministro Celso Raul Garcia como um problema que seria contido pela Ponte. “(...) os acôrdos evitarão o contrabando que ora se realiza entre um país e outro, 'em benefício de grupos e de indivíduos, porém, em detrimento da economia e das finanças tanto do Brasil como do Paraguai’”.⁷¹

Ainda sobre a Argentina, uma nota publicada em *O Globo* em 8 de outubro de 1956 permite apreender como as identidades nacionais foram mobilizadas durante a construção da Ponte, assim como o histórico das disputas e tensões entre os países da região. O título da nota, *Interessa à Argentina a Ponte entre o Brasil e o Paraguai*, leva a uma inversão do que é apontado por Brasil Vianna: ao invés de estar “atrasado” em relação à Argentina, como no caso do Hotel das Cataratas, o Brasil, ao construir a Ponte, estaria “à frente” na promoção do turismo da região. A nota destaca que jornalistas argentinos em Puerto Iguazu – cidade argentina na fronteira com o Brasil e o Paraguai – visitaram Foz do Iguaçu e enfatiza que a Ponte interessaria aos “dirigentes econômicos e sociais” da província argentina de Misiones, pois facilitaria o deslocamento de turistas, sobretudo “(...) quando o governo argentino unisse este porto [Iguazu] à costa brasileira, situada a pouca distância [grifos nossos].”⁷² Assim, na nota, a “falta” caberia à Argentina. “(...) até agora os turistas que entram por Foz do Iguaçu procedentes do Brasil e do Paraguai devem andar a pé, atravessando o rio em lancha, e tomar em Puerto Iguazu automóveis ou ônibus até às Cataratas.”⁷³ Em tempo, a Ponte da Fraternidade entre Brasil e Argentina foi inaugurada apenas em 1985.

70 Ibidem, p. 9. Segundo Paulo Rogério Prates, as obras do Hotel das Cataratas foram iniciadas em 1939. De acordo com o autor, a Segunda Guerra Mundial interrompeu a construção, a qual teria sido retomada apenas dez anos mais tarde. Prates aponta que a inauguração oficial foi em 4 de outubro de 1958. Assim, foram quase 20 anos entre o começo das obras e a inauguração oficial. Cf. PRATES, Paulo Rogério. A evolução histórica do parque hoteleiro de Foz do Iguaçu no século XX. *Ciências Sociais em Perspectiva*, v. 5, n. 9, p. 65-79, 2o semestre 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/1419/1151>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

71 O GLOBO. *Fazer do Paraguai um grande mercado dos nossos produtos*. Op. cit., p. 17.

72 O GLOBO. *Interessa à Argentina a Ponte entre o Brasil e o Paraguai*. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 8, 8 out. 1956.

73 Ibidem, p. 8.

Natureza, homem e técnica: a “realização espetacular” da Ponte da Amizade

O discurso sobre a “falta” tem outro desdobramento relacionado ao reforço da identidade nacional. Além de legitimar a “tutela” sobre o Paraguai e a ocupação da fronteira do lado brasileiro, a “falta” se insere mais amplamente na base da própria “modernidade” ocidental. A “falta” aparece como um componente que reforçaria o papel do homem enquanto agente do “progresso”; por oposição, a “falta” seria marcada pelo predomínio da natureza. Alberto Homsí destaca que, antes da Ponte, mal havia *cavalos* para alugar em Foz do Iguaçu, mas, com a construção, a cidade teria passado a contar com vinte táxis. Hipólito Sánchez Quell, embaixador do Paraguai no Brasil, faz uma comparação semelhante ao destacar as mudanças que a Ponte desencadearia no leste paraguaio. “(...) as máquinas estão abrindo a *selva virgem*, na sua marcha para o Este. Essa zona, em breve, será um empório de *colônias, granjas e fábricas* [grifos nossos].”⁷⁴

Em *O Globo*, esse pilar da modernidade é lido a partir da identidade nacional. O homem *brasileiro* é saudado enquanto agente do “progresso”. A Ponte seria uma conjugação da “técnica” e da “arte” brasileiras, as quais teriam viabilizado a construção do “maior arco do mundo”.⁷⁵ A Ponte conjugaria a “universalidade” da técnica com a “particularidade” de uma obra de arte, o que a tornaria um empreendimento único, um exemplo da excepcionalidade brasileira:

É preciso ir à foz do Iguaçu para ter-se uma idéia precisa da capacidade técnica e do arrôjo dos operários e engenheiros brasileiros que estão plantando, do Brasil para o Paraguai, a gigantesca ponte internacional sôbre o rio Paraná. (...). A caudalosa torrente do Paraná de há muito foi dominada. De uma margem à outra estão de pé as gigantescas pilastras de sustentação para o arco de 303 metros de vão, o maior do mundo e sob o qual poderíamos colocar os edifícios do Ministério da Guerra, do Itamarati e da Central do Brasil.⁷⁶

Meses depois, outra reportagem enaltece o feito. “Esta ponte, como já se divulgou, medirá 553 metros e lança sôbre o rio Paraná um arco de 303 metros, que será o maior do mundo, em concreto, já que o existente no pôrto de Sando, na Suécia, que detém o título, no momento, mede 264 metros.”⁷⁷ Portanto, em *O Globo*, a

74 Apud O GLOBO. Abertura de maiores caminhos entre o Brasil e o Paraguai. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 11, 12 set. 1956.

75 O GLOBO. Ponte Brasil-Paraguai: técnica e arte brasileiras no maior arco do mundo. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 7, 15 jul. 1960.

76 HOMSI, Alberto. Determinação e heroísmo na construção da ponte entre Brasil e Paraguai. Op. cit., p. 21. O destaque à técnica brasileira também foi feito pelo jornal em relação à rodovia paraguaia ligada pela Ponte. Em nota de 6 de julho de 1959, *O Globo* destaca que a rodovia paraguaia entre Coronel Oviedo e Porto Presidente Stroessner contou com financiamento brasileiro e “(...) assistência técnica na realização de estudos e levantamentos preliminares (...)” O GLOBO. Entrega da rodovia ao govêrno do Paraguai. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 6 jul. 1959.

77 O GLOBO. Ponte Brasil-Paraguai: técnica e arte brasileiras no maior arco do mundo. Op. cit., p. 7.

engenharia brasileira se destacava não apenas internamente ao construir uma Ponte sob a qual caberiam edifícios icônicos do país como o Ministério da Guerra, do Itamarati e da Central do Brasil; a engenharia brasileira se projetava internacionalmente ao construir uma Ponte com o “maior arco do mundo”. Além disso, na reportagem, a “proeza” brasileira é ressaltada em contraponto com o “imprevisível” Rio Paraná, cujo regime de cheias não obedeceria a “(...) qualquer tipo de variação cíclica”⁷⁸, o que reforçaria a excepcionalidade da Ponte em um novo contraponto entre homem e natureza.⁷⁹ Em *O Globo*, consideramos que a Ponte se enquadra naquilo que Jean Delumeau denomina como as “realizações espetaculares” ao analisar a “civilização do Renascimento”, na qual os homens procuravam se superar a si próprios.⁸⁰

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda é citada pelo jornal como peça fundamental para a realização da Ponte. *O Globo* destaca que a empresa atendeu ao aumento da demanda por aço ocorrida no decorrer da construção. “Volta Redonda (...) havia fabricado 960 toneladas, (...) mais do que o compromisso assumido, de 913 ton. (...) as 362 ton. que resultaram da modificação do projeto serão (...) entregues até 15 do corrente mês.”⁸¹ A montagem das estruturas, coordenada pela CSN, teria sido igualmente exitosa e nenhum acidente teria ocorrido “(...) a despeito das condições arriscadas dos locais de montagem, alguns a setenta metros da superfície do rio.”⁸²

A exaltação do “homem brasileiro” na construção da Ponte apresenta continuidades em relação à Marcha para o Oeste promovida por Getúlio Vargas, sobretudo durante o Estado Novo (1937-1945). A propósito, a Marcha para o Oeste teve o Estado do Paraná como um dos seus principais alvos.⁸³ Waldson de Almeida Dias Júnior (2018) traça uma comparação entre as fotografias da Ponte publicadas em *O Globo* com a cultura visual alimentada pela Marcha para o Oeste, em especial o “avanço”

78 Ibidem, p. 7.

79 A força da natureza é expressa pelo jornal em outros exemplos. Em 1960, Homsí destaca que “Há dias passou por ali um tomado, que fez estragos calculados em dez milhões de cruzeiros.” Na mesma reportagem, se refere à morte de Tasso Viana Rodrigues, engenheiro de hidrologia, cuja embarcação foi tragada por um “redemoinho traiçoeiro” do Rio Paraná. Segundo Homsí, “(...) dezenas de operários foram acidentados e contam-se aos punhados os atos de heroísmo” durante a construção da Ponte. Apesar da força da natureza, Homsí também dá exemplos de domínio da natureza local pelos engenheiros e trabalhadores. O jornalista ressalta que a areia empregada na obra foi retirada do próprio fundo do Rio Paraná; que as madeiras eram da região; que poços artesianos foram abertos para água potável e que um riacho tinha sido desviado para uso de sua água na construção, já que as águas do Rio Paraná teriam quantidade excessiva de material orgânico. HOMSÍ, Alberto. Determinação e heroísmo na construção da ponte entre Brasil e Paraguai. Op. cit., p. 21.

80 Conforme aponta Delumeau, a “civilização do Renascimento”, uma das principais promotoras da “modernidade” ocidental, foi uma sociedade marcada pelo “progresso técnico”, representado por “realizações espetaculares” que indicavam – e quantificavam – o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de diferentes técnicas pelo homem. Delumeau dá alguns exemplos dessas “realizações espetaculares”. Conforme percebemos nas reportagens de *O Globo*, existe uma combinação do qual e do quantitativo em exemplos dados por Delumeau. “(...) [em 1461] concluiu-se a lanterna que encima a cúpula da catedral de Florença. Nesta data, Brunelleschi já tinha falecido. Mas havia espantado os seus contemporâneos ao construir (...) esta cúpula octogonal com dupla couraça cujo diâmetro interno (43 m) tem menos 40 cm do que o da rotunda do panteão de Agripa, mas quase 70 m mais alta do que esta (...). (...) A cúpula de São Pedro tem menos um metro de diâmetro do que a calculada por Brunelleschi. (...) Em contrapartida, o edifício, no seu cume, possui 145 metros de altura e compreende-se a admiração dos Romanos quando, em 18 de Novembro de 1593, se colocou uma cruz dourada sobre a enorme esfera metálica (capaz de abranger dezasseis pessoas) que encima a lanterna. (...) Alguns anos antes – em 1586 –, os habitantes da cidade dos papas tinham assistido a outra proeza técnica, quando o arquiteto lombardo Domenico Fontana erigiu, na praça de São Pedro, o obelisco que ainda hoje se pode ver. Com uma altura de 22,25 metros, pesa 326 toneladas. Foram necessários 800 operários, 150 cavalos e numerosos guindastes.” DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 151-152.

81 O GLOBO. Ponte Brasil-Paraguai: técnica e arte brasileiras no maior arco do mundo. Op. cit., p. 7.

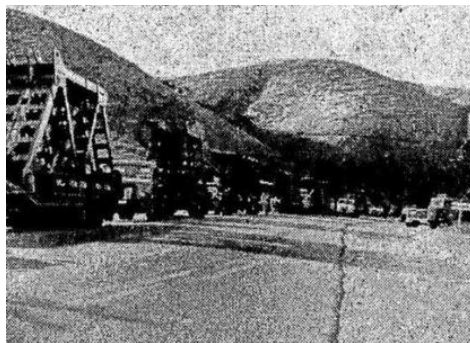
82 O GLOBO. Fechado o arco metálico da Ponte Brasil-Paraguai. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 13, 17 dez. 1960.

83 Sobre a atuação de empresas colonizadas no oeste paranaense cf. PORTZ, Solange da Silva. Modalidades do olhar fotográfico: fotografias do plano de colonização da Maripá. *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, v. 05/06, p. 221-238, 2003/2004. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/8016/5925>>. Acesso em: 8 abr. 2019.

do homem sobre a natureza e a ocupação do espaço outrora “vazio”, o que transmitia uma perspectiva de movimento.⁸⁴ Quanto à “perspectiva de movimento” em reportagens sobre a construção da Ponte, a ilustração a seguir se refere ao transporte das estruturas metálicas entre Volta Redonda e o canteiro de obras. Apesar da complexidade da operação, o resultado teria sido bem-sucedido e, segundo *O Globo*, os envolvidos no transporte conseguiriam se superar nas próximas viagens, reduzindo o tempo da travessia:

O primeiro comboio levou trinta dias para chegar a Foz do Iguaçu. Mas admitem os técnicos do D.N.E.R. que este tempo pode ser reduzido pela metade, no trajeto de ida e volta, agora que são conhecidas as dificuldades do caminho e que foram equacionados todos os problemas surgidos na travessia.⁸⁵

Figura 1 - *O GLOBO*. Ponte Brasil-Paraguai: técnica e arte brasileiras no maior arco do mundo.



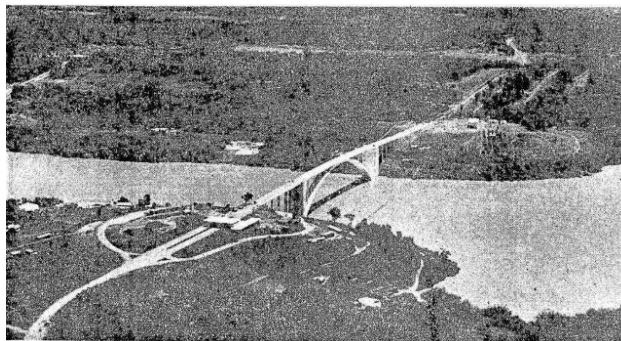
FONTE: Op. cit., p. 7.

Outra imagem representativa foi publicada em *O Globo* em 20 de março de 1965, às vésperas da inauguração oficial, e indicaria o “avanço” do homem sobre a natureza e a ocupação do espaço outrora “vazio”. A imagem, aérea, apresenta a Ponte e as estradas que liga de forma perpendicular, como se cortassem ou rasgassem o “vazio” representado pelo Rio Paraná e pelo entorno ainda bastante marcado pela vegetação. O cruzamento da estrada com o rio forma um ponto de fuga que fixa o olhar na Ponte, valorizando-a em detrimento de outros elementos da imagem.

84 Cf. DIAS JÚNIOR, Waldson de Almeida. A Ponte da “Modernidade”: representações e relações Brasil-Paraguai durante a construção da Ponte da Amizade. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/123456789/4144>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

85 *O GLOBO*. Ponte Brasil-Paraguai: técnica e arte brasileiras no maior arco do mundo. Op. cit., p. 7.

Figura 2 - O GLOBO. Maior arco para amizade maior.



FONTE: *O Globo*, 20 mar. 1965, p. 1.

Já apontamos como o jornal exaltou a Ponte como expressão da “técnica” e da “arte” brasileiras. Em reportagem sobre o fechamento do arco metálico da Ponte, o jornal volta a considerar que a Ponte “Como técnica e como arte é uma obra monumental (...).”⁸⁶ Castelo Branco, na inauguração da Ponte, afirmou que a Ponte emocionava “(...) pela grandiosidade e pela beleza de forma (...).”⁸⁷ O chanceler paraguaio Sapena Pastor também se referiu à obra como “(..) ponte monumental, moderna expressão de técnica e capacidade construtiva, demonstração de imaginação e beleza.”⁸⁸ Essa “monumentalização” da Ponte visava transmitir a existência de um consenso. Pretendia colocá-la acima das diferenças e disputas entre os dois países e povos. Ao focar na técnica e em sua construção em meio a um “vazio” dominado pela natureza – espaço supostamente “sem História” –, *O Globo* deu vazão a representações que “despolitizavam” o processo e projetavam a Ponte, sobretudo, para as relações futuras entre Brasil e Paraguai.⁸⁹

O fortalecimento das empreiteiras brasileiras e a projeção da “capacidade técnica” do país no Paraguai

A monumentalização da Ponte e o enaltecimento do homem brasileiro enquanto agente do “progresso” e de domínio sobre a natureza estão relacionados à construção de um papel de destaque para a engenharia brasileira na América Latina e, em especial, no Cone Sul. Em 15 de julho de 1960, *O Globo* expressou que “A ponte (...) representará (...) uma vitória da técnica brasileira, num setor em que somente algumas poucas empresas estrangeiras, altamente especializadas e com tradição, obteriam igual

86 O GLOBO. Fechado o arco metálico da Ponte Brasil-Paraguai. Op. cit., p. 13.

87 Apud O GLOBO. Castelo afirma que a Ponte da Amizade é marco histórico na integração continental. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 29 mar. 1965.

88 Apud O GLOBO. Os chanceleres do Paraguai e do Brasil reforçam ação pela liberdade na América. Op. cit., p. 12.

89 Jacques Le Goff destaca que “O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) (...)” Ainda segundo Le Goff, cabe analisar os processos e mecanismos que visam sustentar “esse poder de perpetuação”: “(...) um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de [sua] produção (...)” LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 526; 538.

margem de êxito.”⁹⁰

Pedro Henrique Pedreira Campos aponta como a imprensa e os empreiteiros passaram a ter uma relação mais próxima a partir do governo de Juscelino Kubitschek dada a quantidade expressiva de obras de infraestrutura realizadas ou iniciadas em seu mandato.⁹¹ O autor destaca como as empresas do setor deixaram de ter uma abrangência apenas local e regional e passaram a se organizar nacionalmente em entidades como a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), fundada em 1957. O setor se fortaleceu politicamente e Campos lembra que membros da CBIC tiveram um papel importante no golpe de 1964. Através de anúncios e inclusive de reportagens pagas, o autor demonstra que as empreiteiras encontraram na imprensa um canal para pressionar por políticas públicas que favorecessem o setor. Na reportagem em que destaca o isolamento de Foz do Iguaçu, Brasil Vianna diz que a construção da rodovia entre a cidade e Paranaguá é marcada por “(...) episódios vergonhosos, como os *atrasos nos pagamentos de seus empreiteiros* [grifos nossos].”⁹² Ainda que não seja possível relacionar as reportagens sobre a Ponte em *O Globo* ao que aponta Campos – o que demandaria uma pesquisa específica –, as relações cada vez mais estreitas entre a imprensa e os empreiteiros também podem explicar como o periódico carioca se pautou tanto pela oposição à Juscelino Kubitschek quanto pelo entusiasmo com algumas de suas obras como a Ponte da Amizade. Além disso, o grupo Globo é mencionado por Campos como exemplo dessas relações mais estreitas entre os empreiteiros e a imprensa. No caso do grupo Globo, essas relações se aprofundaram com o golpe de 1964.

No caso do Paraguai é interessante destacar como o potencial brasileiro em obras de infraestrutura já era destacado desde a década de 1930. No começo daquela década, Leopoldo Ramos Giménez já defendia que o Paraguai deveria diminuir a dependência em relação à Argentina e se aproximar do Brasil – o que seria levado adiante pela ditadura Stroessner a partir de 1954. Ramos Giménez defendia a mudança em virtude de fatores climáticos e geográficos. Há dois pontos abordados por Ramos Giménez que cobriam particular importância no período da construção da Ponte. Ao discorrer sobre as ferrovias brasileiras, o autor destaca que as particularidades da topografia do país tornavam as obras mais complexas, o que teria exigido “(...) la aplicación de los

90 O GLOBO. Ponte Brasil-Paraguai: técnica e arte brasileiras no maior arco do mundo. Op. cit., p. 7. No início do processo de construção de Itaipu, nota-se que a imagem da “supremacia” da engenharia brasileira é alimentada por legisladores brasileiros e estava presente entre legisladores paraguaios. No Senado brasileiro, em 14 de abril de 1975, o senador Paulo Guerra destaca que engenheiros brasileiros, contrariando a opinião de colegas norte-americanos, teriam viabilizado a usina hidrelétrica de Paulo Afonso, na Bahia. “Foi a engenharia nacional (...) que realizou o milagre de transformar aquele rio no grande potencial hidrelétrico de Paulo Afonso, sem o qual o Nordeste estaria, hoje, muito mais miserável e muito mais subdesenvolvido.” Apud LEÃO, Mattos. Itaipu: a hidrelétrica do século. Brasília: 1975, p. 65. No Senado paraguaio, ao responder a questionamentos da oposição, o senador Carlos A. Saldiva, pró-Stroessner, reconhece que “A nadie escapa (...) de que [na construção de Itaipu] nosotros no podemos contribuir en un pie de igualdad con el Brasil, en equipos y maquinarias.” Apud GAMÓN, Efraín Enríquez. Itaipú: aguas que valen oro. Op. cit., p. 105.

91 CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. Empreiteiros e imprensa: a atuação dos empresários da construção pesada junto aos veículos de comunicação antes e durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1988). Op. cit. Acesso em: 29 mar. 2019. Essa leitura também foi apontada por Samuel Klauk na banca de defesa da dissertação de DIAS JÚNIOR, Waldson de Almeida. A Ponte da “Modernidade”: representações e relações Brasil-Paraguai durante a construção da Ponte da Amizade. Op. cit.

92 VIANNA, Brasil. A ponte sobre o Rio Paraná. Op. cit., p. 9.

últimos conocimientos de la ingeniería y la inversión de capitales fabulosos.”⁹³ As estradas brasileiras também são destacadas como elementos de “progresso, produção e intercâmbio”.⁹⁴

Em 1945, Ramos Giménez voltou ao tema do Brasil como modelo para o Paraguai – e para a América Latina – em *La Edad de Hierro del Brasil*. Animado com o desenvolvimento da siderurgia brasileira e com a recente criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda – enaltecida nas reportagens de *O Globo* sobre a Ponte –, Ramos Giménez acreditava que o Brasil caminharia para a emancipação econômica e política e levaria consigo os demais países latino-americanos. Ramos Giménez relaciona as obras do Brasil nas fronteiras e nos países vizinhos à “amizade”: “(...) cuando (...) une su patria al Paraguay por vía férrea, está articulando países en la frontera (...). (...) cuando extiende un arco de hierro sobre el río Paraguay (...), está llevando la amistad del Brasil (...).”⁹⁵

Em 23 de janeiro de 1961, Ramos Giménez é citado em *O Globo* como Subsecretário de Informações e Cultura do Paraguai, justamente em uma nota sobre as estradas ligadas pela Ponte da Amizade.⁹⁶ Na nota, Ramos Giménez teria informado a *O Globo* que o presidente brasileiro Jânio Quadros visitaria a Ponte. A informação teria sido dada pelo Marechal Odilo Denys, Ministro da Guerra do Brasil. Ramos Giménez informou, ainda, que o Ministro teria acenado com a possibilidade de o Exército brasileiro colaborar para o término da rodovia entre Foz do Iguaçu e Ponta Grossa.

A promoção das empreiteiras brasileiras verificadas em *O Globo* e as representações sobre a capacidade “técnica” do Brasil difundidas no Paraguai por nomes como Leopoldo Ramos Giménez deram resultados e a construção da Ponte da Amizade parece ter contribuído para favorecer empresas de construção civil no Paraguai. Em abril de 1965, pouco mais de duas semanas após a inauguração oficial da Ponte, *O Globo* destaca atos organizados pelo Consulado paraguaio no Rio de Janeiro para comemorar a independência do país em 14 de maio e o desejo das autoridades paraguaias em estreitar os laços com o Brasil. Dentre as áreas destacadas pelo jornal se menciona a construção civil:

O Consulado vem mantendo contato com várias firmas brasileiras tendo em vista executar no Paraguai obras de engenharia, como estradas asfaltadas e pontes em várias regiões. Entendimentos foram também iniciados para a construção, por brasileiros, de um novo e luxuoso hotel de turismo naquele país (...).⁹⁷

93 RAMOS GIMÉNEZ, Leopoldo. *El Brasil, su desarrollo económico-industrial*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1932, p. 132.

94 *Ibidem*, p. 133.

95 RAMOS GIMÉNEZ, Leopoldo; VEGA, José Antonio. *La Edad de Hierro del Brasil*. Buenos Aires: Editorial R.O.C.M., 1945, p. 25-26.

96 O GLOBO. O Exército disposto a auxiliar no acabamento da ponte Brasil-Paraguai. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 23 jan. 1961.

97 O GLOBO. O Paraguai quer reforçar no 4 de maio a amizade e o intercâmbio com o Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 3, 15 abr. 1965.

Um progresso “cristão”

Há outro elemento que marca as representações sobre a Ponte. Ainda que menos evidente, consideramos que se trata de um elemento indissociável do “progresso” evocado em e pel’*O Globo*. Naqueles anos de Guerra Fria, nos quais *O Globo* se manifestou favorável aos Estados Unidos e à ditadura de 1964, o “vazio” era associado à “subversão”. Alberto Homsí exalta o policiamento da Ponte pelos trabalhadores paraguaios “(...) para evitar qualquer ato de sabotagem, principalmente em épocas de convulsões políticas.”⁹⁸ Em reportagem sobre a despedida de Juscelino Kubitschek da presidência do Brasil, o jornal destaca que o presidente “Pediú ainda *que Deus inspire o nosso povo* a viver em busca do progresso *dentro da ordem* [grifos nossos].”⁹⁹ É um discurso representativo da Operação Pan-Americana, o qual seria retomado pela Aliança para o Progresso. Caberia promover o “desenvolvimento” para afastar o comunismo, o qual representaria a negação da “ordem” e dos princípios cristãos que norteariam nossas sociedades. Em editorial sobre a inauguração da Ponte, já sob a ditadura militar brasileira, *O Globo* expressa que a única ambição do Brasil seria “o desenvolvimento econômico da América Latina”, o qual permitiria “(...) a esta vastíssima porção de Novo Mundo viver de acordo com os *princípios democráticos e as tradições cristãs*, comuns a todas as repúblicas que nela se incluem [grifos nossos].”¹⁰⁰ Conforme notícia *O Globo*, a inauguração oficial da Ponte contou com a participação do Arcebispo de Asunción e do Núncio Apostólico no Paraguai, o qual “(...) leu uma mensagem que transmitia os votos do Papa para que a ponte contribuísse de maneira crescente para o bem-estar e a cristã prosperidade de ambos os povos.”¹⁰¹ A presença de autoridades religiosas em inaugurações de obras públicas não era uma novidade, porém assumia particular significado naquele contexto de acentuado anticomunismo. À citada monumentalização da Ponte podemos somar uma “sacralização” da obra, símbolo e resultado de políticas que estariam de acordo com as tradições cristãs do país e da região.¹⁰²

98 HOMSI, Alberto. Determinação e heroísmo na construção da ponte entre Brasil e Paraguai. Op. cit., p. 21. No Paraguai, a Ponte da Amizade e a ocupação da região da fronteira também eram associadas à luta contra a “subversão”. Edgar L. Ynsfrán relata que a fundação de Puerto Presidente Stroessner – atual Ciudad del Este – em 1957, do lado paraguaio da Ponte da Amizade, foi uma resposta a uma tentativa de derrubar Stroessner em 1956. Segundo Ynsfrán, o objetivo era reagir com “feitos positivos”. Ynsfrán era Ministro do Interior, liderou a fundação e organização inicial da cidade e foi um dos principais responsáveis pela repressão aos opositores entre o final da década de 1950 e início dos anos 1960. Ynsfrán afirma que houve “graves intentos subversivos e interferências externas” contra a ligação rodoviária com o Brasil. Cf. YNSFRÁN, Edgar L. Un Giro Geopolítico: el milagro de una ciudad. Asunción: Fundación Yaguare de Imágenes y Libros del Paraguay; Arandurá, 2012.

99 O GLOBO. Com um balanço de suas metas o Sr. Juscelino Kubitschek despediu-se do povo brasileiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 6, 18 jan. 1961.

100 O GLOBO. A Ponte da Amizade. Op. cit., p. 1.

101 O GLOBO. Paraguai e Brasil mais unidos pela Ponte da Amizade. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 1, 29 mar. 1965.

102 Sobre as relações – estreitas – entre Estado, Igreja e religião nas décadas de 1930 e 1940, Alcir Lenharo destaca que a “(...) a sacralização da política visava dotar o Estado de uma legitimidade escorada em pressupostos mais nobres que os tirados da ordem política, funcionando como um escudo religioso contra as oposições não debeladas.” LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986. p. 18.

Considerações finais

O enaltecimento ao “homem brasileiro” e à engenharia do país em *O Globo* deve ser analisado a partir do fortalecimento interno das empreiteiras e da convergência com representações sobre o Brasil no Paraguai que destacavam a “capacidade técnica” do país, como podemos notar em Leopoldo Ramos Giménez. A concretização da Ponte ajudaria a dar respaldo a essas representações e contribuiria para consolidar o papel das empreiteiras brasileiras na região e, em particular, no Paraguai. Esses pontos, por sua vez, não podem ser desvinculados de esquemas histórico-culturais que, na longa duração, estão na base da modernidade ocidental e, na curta duração, em processos como a Marcha para o Oeste e o anticomunismo.

O tema das representações e relações Brasil-Paraguai no jornal *O Globo* durante a construção da Ponte da Amizade não se esgota neste artigo. Há outra questão que, dada a sua dimensão e particularidades, merece uma análise específica: o autoritarismo do governo Stroessner parece ter representado uma “saia-justa” para a presidência de Juscelino Kubitschek e para setores liberal-democráticos brasileiros que, a despeito da ditadura existente no Paraguai, eram favoráveis à aproximação entre os dois países devido aos interesses econômicos e políticos em jogo. Do lado do governo paraguaio houve uma evidente preocupação em desconstruir o autoritarismo que já era associado a Stroessner no Brasil. Além da repressão à oposição paraguaia, um episódio potencializava as representações de Stroessner como um ditador: em 1955, o presidente argentino Juan Domingo Perón (1946-1955) tinha se exilado brevemente no Paraguai após ser derrubado por um golpe de Estado. Para os Estados Unidos e setores liberais brasileiros – e de outros países latino-americanos –, Perón era um ditador, um representante do fascismo italiano na Argentina. Conforme desenvolve Santos, o antiperonismo era forte na imprensa brasileira.¹⁰³

O governo de Juan Domingo Perón tinha pautado sua relação com o Paraguai sob a perspectiva da “confraternidade argentino-paraguaia”, segundo a qual os argentinos e paraguaios eram dois povos, porém teriam uma mesma história e cultura. De acordo com Silva, o apelo à “confraternidade argentino-paraguaia” foi fundamental para a Argentina contrabalancear o crescente fortalecimento do Brasil na região. No Paraguai, o fortalecimento do Brasil crescia sobretudo desde a visita do presidente Getúlio Vargas ao país em 1941. Contudo, não foi um processo contínuo. O apelo de Perón à “confraternidade argentino-paraguaia” pode ter sido favorecido pela forte crise política que marcou o segundo governo Vargas. Menos de dez dias separam a posse de

103 Cf. SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. A Construção da Ameaça Justicialista: antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945-1955). Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-19102015-134027/pt-br.php>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

Stroessner e o suicídio de Vargas.¹⁰⁴

Assim, nota-se em *O Globo* que o “progresso” não foi o único elemento a permear a aproximação entre o Brasil e o Paraguai, apelo priorizado neste artigo. A exemplo do que tinha promovido o governo de Perón, observa-se entre os governos brasileiro e paraguaio o apelo a elementos histórico-culturais em comum: no caso das relações Brasil-Paraguai apelava-se notadamente à herança indígena guarani e ao pertencimento do sul brasileiro à coroa espanhola no início da colonização. O Brasil instaurou uma Missão Cultural no Paraguai em 1952, já antes de Stroessner, mas foi durante o seu governo que se tornou central para conter resistências à aproximação entre os dois países – o que nem sempre foi bem-sucedido. Do lado brasileiro, o apelo a elementos histórico-culturais em comum com o Paraguai marcava posição frente à Argentina e legitimava internamente a aproximação com os paraguaios, o que também dependia da perspectiva de abertura política do país – daí a preocupação da ditadura paraguaia em desconstruir o autoritarismo associado a Stroessner no Brasil.

A Ponte da Amizade é um caminho a ser mais percorrido pelos historiadores. Está por ser devidamente feito um estudo que precise o momento da guinada das representações, o que neste artigo atribuímos especialmente à Itaipu; um estudo que aprofunde como a Ponte passou de “promessa” a “problema”. Além disso, está em curso – há alguns anos – o projeto para a construção da segunda ponte entre o Brasil e o Paraguai na altura de Foz do Iguaçu. A pedra fundamental foi lançada em 10 de maio de 2019 pelos presidentes Jair Bolsonaro, do Brasil, e Mario Abdo, do Paraguai. O objetivo principal da segunda ponte é aliviar o trânsito na Ponte da Amizade. O projeto da segunda ponte atualiza o discurso inicial sobre a Ponte da Amizade quanto ao “progresso” e “modernização” que também traria para a região. Porém, as representações negativas sobre a Ponte da Amizade pairam sobre o projeto da segunda ponte e levantam questionamentos à sua construção. Uma análise sobre como a Ponte da Amizade se projeta sobre a segunda permitiria detectar permanências e rupturas nas relações entre Brasil e Paraguai. Finalmente, para citar mais uma possibilidade de pesquisa, caberia fazer as mesmas indagações sobre a Ponte da Amizade – e a segunda ponte – priorizando fontes paraguaias.

Recebido em 01 de junho de 2019.

Aprovado em 18 novembro de 2019.

104 Cf. SILVA, Paulo Renato da. A devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança e a “confraternidade argentino-paraguaia” (1954). *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 12-22, jan.-abr. 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2015.191.02/4584>>. Acesso em: 13 fev. 2019.